

**Entrevista realizada pela Jornalista e Assessora de Comunicação Ir. Maria Neusa dos Santos, na sede da CRB Nacional, em Brasília, no ano de 2023, com o Irmão Paulo Petry, EX-PRESIDENTE DA CRB NACIONAL.**

**Ir. Maria Neusa: Estamos gravando sobre o mandato de 2014 a 2016, no qual o senhor era o presidente da Conferência Nacional dos Religiosos. O que o senhor recorda sobre o plano trienal das principais atividades que a conferência desenvolveu na sua gestão?**

Irmão Paulo Petry: Sim, eu fui presidente, mas por um período bem curto. Depois fui eleito Conselheiro Geral e tive de ir para Roma. Graças a Deus, a Maria Inês estava aqui como vice-presidente e fez um mandato maravilhoso. Recordo que, nesse tempo, celebrávamos os 70 anos da CRB, um ano jubilar. Fazíamos memória da história da CRB com gratidão aos profetas do passado e do presente. Celebrar a memória nos comprometia a avançar com esperança, alegria, e continuar sendo profetas. O foco central continuava na questão de estar próximo daqueles que necessitavam, inspirados pela Clar (Confederação Latino-Americana de Religiosos e Religiosas), que trazia o grito de ouvir a Deus onde a vida chama.

Lembro-me da rede "Um Grito pela Vida", que teve um impulso grande nesses anos. Tínhamos irmãs trabalhando, principalmente, na conscientização contra o tráfico humano, e, em 2014, durante a Copa do Mundo no Brasil, lançamos a iniciativa "Jogue a favor da vida". Todas as pessoas comprometidas em denunciar o tráfico humano trabalharam para conscientizar antes e durante a copa. Foi uma parte que recordo com alegria, de ver religiosos e religiosas tomando a frente junto a outros organismos da Igreja e da sociedade civil.

Para celebrar os 70 anos, tivemos diversas atividades, incluindo celebrações no Santuário de Nossa Senhora Aparecida, congressos locais e regionais comprometendo-se com comunidades. Houve um forte movimento de religiosos e religiosas respondendo ao chamado da memória para servir a Deus e à misericórdia. Também tivemos uma preocupação com a Vida Religiosa que envelhece, cuidando dos religiosos anciões ativos na missão. Propusemos seminários sobre a terceira idade nesse período.

Então, são coisas maravilhosas que fizemos, e a preocupação com a terceira idade não é apenas de 2013 a 2015, mas continua sendo um dever nosso hoje, olhando para a Igreja e a sociedade, para os que estão envelhecendo.

**Ir. Maria Neusa: Vocês também trabalharam muito em um projeto chamado "Novas Gerações da Vida Religiosa Consagrada", no qual queriam manter viva a chama da juventude das novas gerações, para promover o protagonismo da Vida Religiosa júnior. Então, vocês apresentaram várias justificativas, que foram destacadas também em congressos nacionais e internacionais, movendo-se. Houve um movimento inteiro para atender às duas prioridades: as novas gerações e os serviços de animação vocacional. Vocês participaram de simpósios promovidos pela conferência de 2014, e os simpósios regionais ocorreram nos serviços de animação das novas gerações. O que o senhor recorda dessas demandas missionárias, e também do apelo de realizar e animar o próprio sentido da Vida Religiosa?**

Irmão Paulo Petry: Obrigado por recordar tudo isso. Minha memória não sei se alcançaria tanto, mas, de fato, correndo o risco de esquecer algo, lembro-me do Frei Rubens, que estava à frente das juventudes naquela época e fez um excelente trabalho. Frei Rubens estava animadíssimo e nos ajudou muito nessa parte das novas gerações das juventudes. Não estávamos sozinhos; estávamos com o Cone Sul da Clar. Também houve o congresso das novas gerações da Clar naquela época, do qual participamos ativamente em nível nacional, continuando a promover e animar as novas gerações. Não apenas com congressos, seminários, etc., mas também por meio das produções literárias da época, incentivando-nos a estar com aqueles que mais necessitavam, nas periferias geográficas, sociais, culturais. Queríamos estar lá, juntos.

E não foi apenas o Frei Rubens; as regionais sempre têm de ser destacadas. Estou admirado com o trabalho que as regionais realizam, pois, daqui da CRB, podemos animar e coordenar, mas onde as atividades, eventos, etc. realmente acontecem é nas regionais. À medida que as regionais e as congregações se comprometem a levar adiante essas iniciativas, as juventudes, animando a ir para novas fronteiras e missões, era uma das preocupações da época. Além da juventude, também havia o setor de missões e um setor de projetos, que trabalhavam e lutavam juntos, buscando animar esses programas e projetos.

Recordo-me de ter falado sobre a Pastoral Vocacional, uma preocupação desde sempre. Muitas vezes, diziam até que estávamos fazendo "pirataria vocacional", embora fosse uma cooperação no trabalho da Pastoral Vocacional. Nesse sentido, os maristas tinham uma escola vocacional, acho que era assim que se chamava, em Belo Horizonte. A CRB somou forças e nos animamos mutuamente para trabalharmos juntos, a CRB com os maristas e outras congregações que pudessem e quisessem preparar agentes animadores da Pastoral Vocacional. Não porque precisássemos de mais obreiros, mas sim pelo direito de os jovens conhecerem a Vida Religiosa, os diversos carismas. Se Jesus Cristo se apresenta e chama, às vezes não há um intermediário, alguém que acompanhe,

então o jovem pode não perceber esse chamado. Nossa preocupação estava em garantir que os jovens tivessem o direito de conhecer as diversas propostas e modos de servir o Senhor, de ser ministros e embaixadores deste Reino maravilhoso, seja no Brasil ou fora dele. Isso vale até hoje, para apresentar a proposta vocacional e ajudar no discernimento, fazendo o acompanhamento e a animação desses jovens. Às vezes, alguns diziam: "Tem alguma conversão que está movendo", etc. - não vamos, e, de fato, algumas congregações morreram, porque desanimamos e não acreditamos mais nesse projeto. Nós somos, além de embaixadores de Jesus Cristo, animadores e testemunhos para que outros possam aderir a este chamado. A missão é muito grande e necessita de operários, por isso recordamos e somamos forças. Eu mencionei os maristas e outras iniciativas que não lembro agora, mas havia algumas congregações somando forças, e isso foi uma semente para algo que vejo hoje em dia, congregações que trabalham em conjunto para despertar, acompanhar e motivar as vocações. A juventude e a vocação eram duas guias que caminhavam muito juntas, pois como você vai falar de vocação se não no meio das juventudes?

**Ir. Maria Neusa: E o senhor assume o mandato em uma data já com o Papa Francisco, que vem trazendo algumas amplitudes da visão da comunicação da Igreja, né? Eu me lembro do trabalho de vocês realizado aqui. Vejo que estão dando alguns passos nas parcerias, já em trabalhos *online*, de algum curso EAD em relação a alguns serviços da conferência e algumas parcerias com outras entidades. O que o senhor pensa sobre a inserção da comunidade na comunicação digital? Nós já estamos vivendo essa rapidez comunicacional, então a conferência tem a necessidade de dar passos mais largos em relação à inserção comunicativa. O que o senhor pensa sobre essa época, e como a Vida Religiosa deve também acompanhar o processo da comunicação?**

Irmão Paulo Petry: Olhando para hoje, desde 2013, estamos dando passos iniciais. Embora já houvesse internet, a questão da distância ainda não era muito utilizada. No entanto, o Papa Francisco inicia algo significativo com o Ano da Vida Consagrada, em 2015. A partir daí, começamos a ter acesso a muitas reflexões e textos. Isso nos permitiu alcançar diversas áreas e regiões do país, graças à facilidade da comunicação *online* daquela época. Acredito plenamente no poder da mídia. Naquela época, utilizávamos não apenas reuniões *online*, mas também programas de TV, como *Século 2*, e a Rede Vida, dos quais éramos parceiros. Isso nos permitia divulgar e compartilhar o que a Vida Religiosa fazia não apenas no Brasil, mas também na América Latina e ao redor do mundo, como nas missões no Timor Leste e no Haiti.

**Ir. Maria Neusa: Falemos sobre a mística agora. Vocês se basearam no capítulo 24 do Evangelho de Lucas, no versículo que nos fala: "Reconhecer onde estavam as encruzilhadas da história e ali descobrir quem caminhava com vocês, e quem convidavam a partilhar na mesa". Esta identidade de permanecer com Jesus, que fazia a tribulação, era uma proposta para reapropriar-se do núcleo hereditário da Vida Religiosa Consagrada?**

Irmão Paulo Petry: Realmente, tínhamos o ícone bíblico em mãos, esse segmento em que Jesus acompanha os discípulos. Ele caminha com eles, vai ouvindo, não se impõe, apenas chega. Na medida em que percebemos que ele caminhava conosco, dizíamos: "Permanece conosco, porque, se tu estás conosco, aprenderemos a partilhar o pão, a reconhecer a sua presença onde a vida clama". Essa oração trinitária, dirigida ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, buscava luz e unidade na Vida Religiosa no Brasil. Deus como unidade nos impulsionou desde as origens da CRB, há 70 anos. A oração expressava nossa confiança em Deus para discernir e transformar o futuro.

**Ir. Maria Neusa: Vamos dar mais um passo. Agora, vamos falar sobre a profecia. O senhor menciona que uma das ações de muitos aprendizados na missão da Vida Religiosa foi destacada em duas frentes, uma na rede americana. Vocês dizem aqui que a rede, na justificativa intercongregacional, reúne 50 congregações, atuando em mais de 20 estados, com gerenciamento de cargos de pessoas desde 2006. Vocês fazem uma justificativa para isso. Essa é uma das ações proféticas na conferência? Quais outros aspectos da profecia podemos recordar aqui?**

Irmão Paulo Petry: Se não é profético, não sei se tem outro, justamente porque é um ambiente hostil. Não é em um ambiente qualquer que a rede "Um Grito pela Vida" atua. Posso dizer isso, porque acompanhei naquele tempo, mas vi na prática em Tabatinga, no Amazonas, em que diversas congregações, inclusive a nossa, e o lema da Igreja e de entidades civis, nos anos passado e retrasado, quando estive por lá, faziam suas reuniões e se organizavam para defender a vida das pessoas traficadas. Quando vimos uma criança morta, sem os órgãos internos, jogada ao lado do rio Amazonas, do lado peruano, bem na frente de onde nos reuníamos, vi o grito sendo organizado. Continuava quando as pessoas religiosas entravam na escola, para orientar e denunciar. Isso é estar em um lugar profético, quando não se sabe se aquilo que se está denunciando está sendo visto por quem comete o erro, peca, mata, rouba, leva pessoas para o outro lado. Esses não vão estar muito contentes e continuar denunciando os maus-tratos, o tráfico de órgãos e de pessoas. Em uma situação dessas, nunca

se está seguro de que se sairá vivo, mas faz. Então, admirei muito esse grito de 2006, muito forte em 2014/15, e que continua vivo hoje. Felicito essa rede, em que muitos de nós também devemos nos engajar, junto com a Talita Kum, que é a rede internacional. Nós temos representantes e tínhamos também uma irmã brasileira integrando a rede Talita Kum para defender a vida, não apenas aqui no Brasil, não apenas na América Latina, mas em todo o mundo. Então, essas são atitudes proféticas, assim como são atitudes proféticas quando vamos, no dia a dia, às nossas escolas, aos nossos hospitais, através do serviço de comunicação, favorecendo a vida, promovendo a justiça. Muitas vezes, dizemos: "Ah, mas ela trabalha em um colégio particular de elite". Ali mesmo, você tem de se profetizar, chamando a atenção, promovendo a justiça, fazendo com que essas pessoas que estudam, jovens, possam abrir os olhos para a realidade em que estão vivendo, a realidade de miséria, a realidade de limitação que muitas pessoas vivem. Então, ali, somos profetas e profetisas. Aqueles que vão com o povo, caminham com eles, se inserem, vivem na comunidade inserida, novamente, têm o profetismo. Então, acho que a Vida Religiosa, querendo e deixando-se iluminar pelo Deus da vida, será profética. Agora, sem essa luz, podemos dizer que somos, mas não seremos. Então, deixemos nos iluminar pelas palavras e pela realidade. Nosso antigo superior geral, Irmão Álvaro, da Costa Rica, que alguns talvez tenham conhecido, quando nos visitava, dizia que, para ser profetas, deveríamos ter dois livros na cabeceira: a Sagrada Escritura e o jornal. A palavra para iluminar a realidade em que vivemos, mas, para iluminar essa realidade, temos de conhecê-la. Então, o jornal é uma forma de dizer, é conhecer a realidade onde atuamos, ver os jornais e telejornais, que seja, mas também indo e conhecendo esse jornal ao vivo, inserindo-se onde a vida clama. Essa realidade vai ser iluminada pelo outro livro. Esse livro vai ser iluminado por aquele, a Palavra que nos ilumina para atuar como profetas e profetisas.

### **Ir. Maria Neusa: Quais são as esperanças da Vida Religiosa?**

Irmão Paulo Petry: Olha, aquilo que fizemos não é invenção nossa, mas sim da CRB, quando ela nasce com um viés intercongregacional. Se não fosse assim, não seria a CRB (Conferência dos Religiosos e Religiosas). Portanto, são muitas congregações, o que nos dá força. O tema da intercongregacionalidade vem mais tarde, mas ele é atual. Então, que nos apoiemos e avancemos. Isso me dá esperança, quando vejo iniciativas de congregações que somam, que buscam soluções conjuntas, que, apesar de viverem em casas distintas, são capazes de assumir uma missão conjunta. Quando nos reforçamos mutuamente, quando escutamos, não é apenas o apoio que damos, não é apenas o ombro um do outro, mas sim olhar o coração do outro e falar que brilha com essa questão que eu nem tinha percebido, aprender a olhar do olho do outro, olhar como dizia Frei

Wilson João, creio que em algumas canções dele, olhar tudo com os olhos de Deus, pois Deus olha através dos olhos de cada um de nós; ouvir o que o outro ouve, em questão à alteridade, eu me abro para o outro, nós nos abrimos como congregações uma para com as outras, para poder somar. E não é nenhuma vergonha, é uma honra podermos contar com irmãos e irmãs diferentes de nós. Não é que vamos apoiar apenas, mas nós também podemos oferecer. Muitas vezes, quando promovíamos alguma coisa, algum seminário, algum evento, alguma congregação, alguma irmã ou irmão poderia dizer: “Ah, mas eu já sei de tudo isso, por que vou lá de novo se é algo que está se repetindo?” Se eu sei tanto, eu vou lá e contribuo. Se eu já não tenho nada a receber, não posso ser egoísta e guardar aquilo que tenho para mim. A esperança está aí, que todos nós possamos abrir o coração, abrir as mãos, os braços e juntos caminharmos como Igreja, povo de Deus. O termo atual é a sinodalidade, não apenas intercongregacionalidade, mas caminhar juntos, ser Igreja, povo de Deus. Porque se queremos que Jesus Cristo apareça, seja visto, isso deve ser através das nossas ações, através do modo como nos tratamos, com carinho, respeito, sem controle um para com o outro, de uma para com a outra. Mas, sim, um acompanhamento para fazer como os demais, deixar acompanhar e depois acompanhar, mas sem controle. Depois de Cristo, vem o “não pode agora” ou o “não pode”. Nisto, você pode avançar, nisto, não pode. Escutemos este Cristo que fala em cada irmão(a) nosso(a). E ali, juntos, poderemos discernir o que o Espírito nos inspira para avançar hoje. E a Vida Religiosa é isto, nós sermos testemunhas do Reino presente, e esse Reino é de amor, não de competição, não de divergência, diversidade sim, mas na unidade do Espírito. É o mesmo Espírito que suscitou todos os nossos carismas. Então, não podemos dizer assim: “Este é melhor do que aquele”. Não, todos nós somos importantes. Como eu dizia antes, cada semente é importante para que o jardim do Éden possa novamente florir e ser bonito, ser apreciado por tanta gente. Eu tenho muita esperança de que as sementes não se guardem no bolso e que possamos espalhá-las por todo o Brasil, onde quer que estejamos.

#### **Ir. Maria Neusa: O que a CRB é, e o que ela foi para o senhor?**

Irmão Paulo Petry: Me inseri na CRB pouco a pouco, quando era jovem; conheci em Manaus, foi lá que eu a conheci pela primeira vez, participei de alguns eventos, mas não era ativo. Depois, quando já estava em São Paulo, ali me inseri um pouco mais. Fui vendo que era uma organização da Igreja que procura promover a vida através dos diferentes carismas. Então, é Deus falando ao mundo: “Eu sou assim, eu estou aqui”. A CRB é um rosto de Deus se revelando ao mundo. E esse rosto, como podemos ver, é diverso. É só olhar no espelho e dizer: Eu sou CRB. Cada religioso e cada religiosa deveria fazer isso de vez em quando. Então, dizemos que a CRB faz isso, faz aquilo, em vez de nós dizermos

assim: A CRB nós fazemos, somos a CRB. Então, vejo todo religioso ou religiosa como CRB, um conjunto que forma uma congregação; somos diversos carismas, congregações iluminando este país através de uma organização chamada Conferência Nacional de Religiosos(as) no Brasil. Então, essa conferência é muito importante para que continuemos animando, participando dos núcleos, das regionais. Nós podemos fazer com que a CRB seja vibrante, seja esperança para o povo onde estivermos, em qualquer parte do país, na cidade ou no campo.

### **Ir. Maria Neusa: E o que tem a dizer à CRB pelos 70 anos de história?**

Irmão Paulo Petry: Digo parabéns por nos promovermos pela vida que estamos defendendo, parabéns pela Palavra que estamos anunciando, seja através da Bíblia, seja através da Bíblia vivida por cada religioso(a). Se formos reflexos dessas palavras, então, desde manhã até a noite, seremos a presença do Deus bondade, do Deus misericórdia. Parabéns por essa presença misericordiosa dos religiosos(as) em todo o país. Parabéns pela alegria com que podemos viver a nossa vocação, parabéns quando sabemos ser fraternos, solícitos. Então, realmente, irmãs e irmãos, sejamos isso que nós chamamos, sejamos fraternos e solícitos!

